

PEÇO A PALAVRA: A POLITESSE DOS RITUAIS¹

Maria Helena Camara Bastos
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO

*“A civilidade é como a beleza; ela começa,
e faz os primeiros laços da sociedade”.*
Montaigne (Chartier, 2004, p.74)

Recentemente, temos nos defrontado com uma série de publicações destinadas a ensinar como agir em sociedade, isto é, o código das boas maneiras, desde como comportar-se, vestir-se, falar, comer, etc. Essa estratégia de valorização do comportamento humano, esse *boon* da “literatura das civilidades” (REVEL, 1991), em todos os níveis e situações, buscando “viver a elegância em todos os sentidos”, traduz uma busca pela “virtude individual” e de uma “vontade social”. Atualmente, essa busca pode ser exemplificada com a fala de Gloria Kalil, autora de inúmeros manuais, “até os anos 1960, a gente tinha uma regra. Hoje a moda (a vida) está de difícil leitura e admite todas as individualidades. É democrática. A gente tem de saber a qual tribo pertence, entender sua própria individualidade e ter vontade de apostar nisso” (*apud* RIBEIRO, 2004).

Além da diversidade de títulos e temas, o que chama a atenção é a ampliação do mercado editorial e do mercado consumidor desses bens simbólicos, expressos pelas numerosas edições. Para homens, mulheres, crianças, jovens, profissionais, esses manuais abordam temas como etiqueta, saber comer, *savoir-vivre*, saber ser em sociedade, saber viajar, entabular uma conversação mostrando domínio de temas atuais. Como, por exemplo, as obras *Cultura e Elegância* (PINSKY, 2005)²; *Frases para todas as ocasiões* (TOFFOLO, 2004)³.

1 Foi publicado no livro *Cultura Escolar e História das Práticas Pedagógicas*, Editora Universidade Tuiuti do Paraná, ed. 1, 2008.

2 “O que se deve fazer e o que é preciso conhecer para ser uma pessoa culta e elegante” é o subtítulo da obra, que se divide em três seções: conhecer as artes (o que você precisa ler, o que você precisa ouvir, o que você precisa ver); conhecer o mundo (grandes destinos que você precisa visitar, pequenos lugares inesquecíveis que você precisa descobrir, museus imperdíveis para você desfrutar); conhecer as regras sociais (como se comportar, como receber, como se vestir). Os capítulos são escritos por especialistas de destaque: Moacyr Scliar, Júlio Medaglia, Dala Achar, etc. Lançado em 2005, o livro encontra-se na 3ª edição, que revela um público consumidor respeitável desse tipo de literatura de “formação”, principalmente se considerarmos o objetivo da obra - “há aqui uma rara oportunidade para descobriremos um modelo” (2005, p.13).

3 O livro de Martha Toffolo (2004), considerado como de crenças/auto-ajuda, é uma

Concebidos como meios de formação, esses manuais inscrevem-se dentre os múltiplos processos de constituição/objetivação do sujeito moderno. Também buscam fazer frente aos fenômenos sociais e culturais que marcam o aparecimento “de uma verdadeira cultura de incivilidade”, isto é, “uma perda de influência das instâncias de socialização que eram a família, a escola e os locais de trabalho; uma falta de respeito por si ou pelo próximo, que testemunham um desconhecimento ou uma recusa dos valores comuns próprios à sociedade em que vive (Arénilla et alii, 2001, p.94). Em síntese, toda essa literatura tem finalidade pedagógica : « revelam a mesma vontade de expor e de ensinar as maneiras legítimas » (REVEL, 1991, p.170).

O tema não é novo, tem uma história que remonta o século XVI, quando há um “intenso esforço de codificação e controle dos comportamentos, que os submete às normas de civilidade, isto é, às exigências de um comércio social” (REVEL, 1991, p.169). Há uma proliferação de manuais de urbanidade ou de civilidade compostos de inúmeros conselhos, orientações, regras precisas, modelos a serem copiados, que visam transmitir e ensinar como cada indivíduo deve dirigir a si mesmo e aos outros, no espaço privado e público, de forma a estabelecer redes de sociabilidades, segundo os padrões de cada momento. Schwarcz (1997, p. 10) considera os manuais de boa conduta como a «escola do mundo».

A partir do século XVII, começa a « normatização dos grandes aos pequenos detalhes da vida social cotidiana - tudo em nome da civilização ». É um processo de “teatralização do eu” (CRAVERI, 2004, p.292). No século XIX e XX, constituem um novo gênero literário dedicado a codificar as boas maneiras e estabelecer regras e modelos de sociabilidade. Para Rubalcaba Pérez (2002, p. 417), no século XIX e princípios do século XX, a publicação de manuais e tratados permitiu, aos diferentes grupos sociais, a apropriação das formas e da linguagem do mundo letrado burguês, o que resultou na adoção de formas retóricas. A adoção de um código de civilidade e de convenções de linguagem transforma as relações de âmbito privado em relações regradas pelo espaço público.

“coletânea de frases sugestivas para expressar desejos e sentimentos nas mais diversas situações do dia-a-dia. Em linguagem comercial, formal ou coloquial, as dicas abrangem desde mensagens de felicitação e declarações de amor até cartas comerciais e telegramas de pesar” (Livraria Cultura News, nº143, maio 2006).

De forma didática, de leitura rápida e objetiva, esses manuais introduzem seus leitores nas especificidades que marcam a vida em sociedade. A etiqueta do convívio social eda mesa, a higiene, a arte de falar em público, a escrita epistolar⁴ são alguns dos temas dos « guias de bom-tom ». Inicialmente identificados com a sociedade da côrte, posteriormente com a «conveniência burguesa», e hoje com o mundo globalizado, mantêm sua função fundante – o disciplinamento, isto é, regras elementares de um dever-ser em sociedade e as condutas que fazem conhecer imediatamente o saber-viver (CHARTIER, 2004, p. 89).

Os manuais produzem memórias e integram o conjunto das práticas de civilidade. Ao pretenderem oferecer modelos para várias circunstâncias, testemunham maneiras de dizer e de fazer do passado, expressam uma arte da escrita e da oratória, referendam modelos normativos e estéticos. Chartier (2004, p.50), quando analisa como a palavra civilidade aparece nos dicionários, em meados do século XVII, assinala que a definição corrente é “a arte da palavra em sociedade”, e como algo que se ensina e se aprende. Para o autor, “o conceito de civilidade está situado no próprio centro da tensão entre o parecer e o ser que define a sensibilidade e a etiqueta barroca” (CHARTIER, 2004, p.62).

O presente estudo analisa manuais destinados a orientar discursos a serem proferidos em diferentes ocasiões ou rituais sociais, produzindo uma determinada experiência do que é polido, agradável, adequado, civilizado, enfim, educado na arte de agradar e das aparências. Para Chartier (2004, p. 45), esses manuais expressam representações codificadas de distintas formas sociais, isto é, a aparência das maneiras de ser. São textos que permitem analisar os códigos de civilidade, mas com o cuidado de perceber a distância entre o modelo do texto e o comportamento praticado. A leitura dessa produção possibilita distintas maneiras de constituir um sentido para o texto: entre o escrito e o dito.

A RETÓRICA DOS RITUAIS

A obra analisada, como exemplar de manuais de discursos, é escrita pelo Conselheiro J. A. S. com o sugestivo título *Peço a Palavra!*.

4 Sobre manuais epistolares, ver Bastos (2004); Gómez (1997; 2002); Bastos e outros (2002)

Editada pela Livraria Tupã Editora (Rio de Janeiro), com 221 páginas, em sexta edição atualizada, sem nenhuma indicação de data. O livro também foi publicado pela Edições Spiker, provavelmente na década de 1960, com 192 páginas. O número de edições e de editoras nos permite avaliar a sua expressiva circulação e apropriação.

Sobre o autor, a capa interna e a contracapa o apresentam como “um ilustre advogado e professor”. No entanto, podemos considerar que a indicação do título “Conselheiro” o qualifica e a obra, pois as iniciais do nome só nos permitem indagar o sentido do anonimato da autoria.

A apresentação gráfica é simples, encadernado como brochura. A capa traz o título em vermelho e o desenho de um homem em azul, como um orador com o braço acenando. Na capa consta a indicação sumária dos modelos de discursos que a obra contempla: casamentos, batizados, aniversários, festas escolares, formaturas, recepções inaugurações, datas cívicas, sepultamentos e outros, isto é, discursos para diferentes ocasiões públicas (aniversário de fundação de uma cidade, inauguração de um busto em praça pública, fundação de uma biblioteca, inauguração de um liceu, criação de uma praça de esportes, saudação ao professor no “dia do mestre”, etc.). Cada discurso é apresentado em vários exemplos, de acordo com situações variadas, conforme indicação do sumário, ao final da obra, o que facilita o usuário do manual em selecionar o que melhor lhe convém.

A contracapa emoldura o título com um fundo vermelho para destaque, com o lembrete “um livro útil a todos” e a seguinte observação: “Chamamos a atenção dos senhores Professores para este trabalho que deve ser recomendado aos alunos que porventura tenham dificuldade para falar em público”. Esse lembrete sinaliza que a obra é indicada tanto para professores e alunos, como para outros profissionais em que a arte de falar em público seria condição indispensável.

Peço a palavra pode ser considerado um livro de receitas para a realização de discursos. O falar bem confere distinção, especialmente se for feito segundo as normas litúrgicas que confere cada situação, com uso de linguagem elegante e polida, atenta à polidez da convenção, conveniência, noções éticas. A beleza das palavras, aliada ao respeito e à familiaridade, de acordo com os tempos e circunstâncias, confere ao usuário do manual a certeza

de sucesso no seu desempenho, pois essa é a intenção do autor ao escrevê-lo e do leitor ao utilizá-lo.

Para Chartier (2004, p.47), os manuais de retórica e oratória ou modelos discursivos tendem a "construir um sentido invariável universal, existente antes e fora de todos os empregos particulares que supostamente devem ser sempre conformes a ele. A determinação do sentido advém de fora, do enunciador e de seu público, onde o enunciado adquire sentido ao ser apreciado em relação a outros e socialmente avaliado".

O Conselheiro J.A.S. não se preocupa em orientar o leitor sobre o uso dos modelos indicados. Somente em uma nota de rodapé sinaliza alguma indicação nesse sentido. Por exemplo, nos três modelos de "saudação do professor no dia do mestre", há a indicação do que deve ser preenchido no pontilhado do texto – "aqui entra o nome do professor ou professora que se homenageia no momento". No parágrafo final de um dos discursos, alusivo a um presente a ser dado ao "bondoso mestre (a)" – (***) Esta pequena lembrança é apenas uma insignificante materialização deste ato; um pequeno marco comemorativo deste Dia do Mestre, no ano(***) –, os asteriscos indicam ao leitor que o parágrafo só deve ser incluído se os alunos se cotizarem para oferecer um mimo ao professor e que incluam o ano em que se procede a homenagem.

Todos os modelos iniciam com a saudação "Minhas Senhoras, Meus Senhores". Somente em situações específicas, como um discurso de agradecimento de um indivíduo com cargo honorífico é indicado fazer menção ao nome do homenageado – "Sr. Fulano de tal". Em discursos oficiais, com presença de autoridades, os modelos indicam a saudação inicial – Sr. Prefeito, Srs. Representantes do Exército, Povo da minha terra!".

Um conjunto expressivo de discursos destina-se às situações de vida privada – casamentos, aniversários de casamento, bodas de prata (16 modelos); batizados (15 modelos); aniversários (17 modelos); falecimentos (15 modelos). Outro conjunto é para eventos da vida pública – festas escolares (13 modelos), formaturas (15 modelos), recepções (14 modelos), fundação, criação ou inauguração de estabelecimentos, retratos, etc. (22 modelos). Os modelos envolvem tanto discursos de saudação ao evento como de agradecimento à saudação - *"Não pode calar o meu coração, ante tão delicada demonstração de amizade que ditou palavras tão*

lisongeiras e tão carinhosas, mesmo não sendo eu dotado de recursos oratórios, capazes de transmitir os sentimentos quem, neste instante me dominam” (p.33).

Os discursos são breves, não excedendo quatro parágrafos, ou seja, traduzem a fala em 16 linhas, os menores, a 35 linhas, os maiores, geralmente relativos aos eventos públicos oficiais. Também não expressam erudição ao orador, isto é, não apresentam citações de frases e autores célebres. Fazem uso de uma linguagem simples, mas primorosa, eloqüente, comunicativa da mensagem a ser expressa.

No primeiro conjunto, relativo ao âmbito privado, a grande maioria dos modelos são para ocasiões festivas, alegres, em que os discursos usam de uma excessiva adjetivação para expressar os sentimentos de exaltação da felicidade, da união, da família, dos sentimentos e dos afetos. Há uma apologia formalizada dos laços afetivos e familiares de amizade, ternura, bondade, em uma abordagem positiva das relações sociais. Dessa forma, os modelos buscam cativar o outro, com as formalidades estabelecidas para as relações familiares e sociais e com o distanciamento que rege as relações pelos códigos de civilidade.

Permitam que externe, aqui, um sentimento que se avoluma no meu coração, todo feito de alegria, de contentamento simples e grande que vem dessa satisfação que reluz em cada um dos nossos rostos, pelo enlace que reúne para a sua celebração. Somos testemunhas do encontro de duas almas, pelo destino, para que realizem, pelo amor, o supremo ideal da felicidade. (p.5).

Ao contrário, os discursos fúnebres buscam expressar a perda, a dor, a tristeza, a angústia diante da imagem da morte, mas com a devida admiração e exaltação à vida – *“talvez seja demasiado repetir o que vós sabeis, foi uma alma onde se harmonizaram sentimentos que, se díspares no seu conteúdo, ao menos, semelhantes na sua expressão moral. Ele foi bom e foi justo (...)”*(p.141). Como nos coloca Chartier (2004, p. 131), *“se a civilidade enuncia como se deve viver em sociedade, as artes de morrer ensinam a preparar essa passagem entre esse mundo e o outro”*. Dessa forma, os modelos de discursos procuram expressar sentimentos de religiosidade, de paz eterna, de última morada, etc.

No segundo conjunto de discursos, destinados aos eventos públicos, nosso olhar vai centrar-se nos discursos destinados às festas escolares, formaturas, inaugurações de prédios escolares, isto é, aqueles que permitem analisar as representações de escola, professor, diplomação.

Os discursos por ocasião de festejos escolares são aqueles destinados a marcar o encerramento do ano letivo, a comemoração de uma data histórica, a visita de uma personalidade ilustre, o início dos exames finais, a inauguração de uma exposição de trabalhos manuais ou do retrato de uma figura histórica, a realização da primeira comunhão religiosa, a distribuição de prêmios escolares, a exortação patriótica da juventude, a despedida de um aluno no final do ginásio, a comemoração de datas cívicas (sete de setembro, dia da bandeira), o dia do professor. Esses eventos sinalizam para uma cultura e práticas escolares que marcaram o cotidiano de todo aluno em determinado momento histórico. A idealização do professor, como condutor das inteligências, e da escola, como templo do saber, são marcas presentes nos discursos.

O encerramento das aulas do corrente ano letivo, nos reúne nesse recinto para comemorarmos, o que quer dizer, festejar o êxito do esforço do operoso mestre a quem cabe a direção, verdadeiro culto ao dever de instruir, abrir estradas novas à consciência, desbravar caminhos para o espírito, formar inteligências sob o modelo clássico da alfabetização. (p.71).

Para a saudação ao professor(a), no “Dia do Mestre”, o autor faz a apologia da profissão como sacerdócio, reproduzindo a estreita vinculação entre escola e família. A imagem do professor historicamente está marcada metáforas religiosas, que convertem o trabalho docente em atividade sagrada, “modelo de virtudes”⁵, por atitudes de renúncia e solidariedade, por seus objetivos: modelagem de almas, humanização e regeneração da sociedade (BASTOS, 1994, p.138).

5 Virtudes são disposições constantes do espírito – devoção, humildade, doçura, constância, paciência, sabedoria, gravidade, silêncio, prudência, discrição, zelo, generosidade e de bom exemplo -, enquanto que qualidades são propriedades ou atributos pela pessoa adquiridos. Para ser um bom professor/a de escola eram necessárias duas qualidades: vigilância e firmeza; e doze virtudes (Lopes, 2003, p70).

(...) a Escola é um prolongamento do Lar, sendo o professor um segundo Pai, no afã de ensinar e educar as crianças e os moços. O ensino é, além do mais, um verdadeiro sacerdócio. Quem a ele se dedica não visa riqueza. Não há exemplos de professores milionários e ricos. A riqueza do mestre é a consciência do dever cumprido, do grande serviço prestado à pátria e à humanidade. (...) Tudo quanto somos ou seremos neste mundo (...) dentro das variadas profissões que podemos abraçar, devemos em grande parte às lições que recebemos nos bancos das escolas, sejam primárias, secundárias ou superiores. (...) Quero que as palavras por mim proferidas por delegação dos colegas, sejam extensivas a todos os Mestres do nosso grande Brasil, de hoje e de todas as épocas. (...) Que Deus proteja nosso querido professor!. (p. 215).

Os discursos para as cerimônias de formatura destinam-se ao curso secundário e superior, abarcando as diferentes profissões – comércio, professora, farmácia, odontologia, medicina, direito, engenharia, química industrial, sociologia e finanças, filosofia, agronomia, música, escola militar, oficial de marinha. Esses discursos são para serem proferidos nas comemorações realizadas no espaço privado e estão impregnados de uma valorização do diploma, do esforço individual e da profissão escolhida. Também expressam “esperança nessa conquista” e sucesso no futuro da profissão. Exemplar é o discurso de formatura “da jovem mestra.”

Sou daqueles que assistiram, de perto, acompanhando com os olhos do coração, o desenvolvimento desta vida e desta inteligência, que se irão agora desdobrar na disseminação do conhecimento, aclarado com a chama do seu saber, gerações que lhe estão sucedendo. Ontem a sua inteligência recebia os retoques necessários para uma forma definitiva, enquanto, hoje será a ela que cumprirá a tarefa de modelar inteligências, de colaborar na formação de novos caracteres, lastrando com as noções gerais da cultura humana, novas inteligências, de modo a que se tornem úteis à Pátria e à sociedade. (...) Essa satisfação que nos domina, justifica-se no ver coroado de êxito, o esforço de alguém, a quem muito se quer e quando esse alguém, retirando dos ombros uma

responsabilidade, vai arcar com outra maior, não será demais que lhe ofereçamos nosso alento, no símbolo de um brinde, simples mas sincero, ao seu futuro, - que Deus há de tornar pleno de vitórias. (p.97).

Outro conjunto expressivo de discursos vinculados ao ambiente escolar destina-se às inaugurações de instituições educativas: bibliotecas, liceu, ginásio, asilo para órfãos e velhos, escola primária, escola profissional.

Cabe ainda destacar a preocupação do autor em qualificar o sujeito do discurso, isto é, quem profere. Assim, a honra e o prazer da oportunidade são enfatizados na introdução de alguns discursos –“(…) não venho com a conhecida chapa, (muitas vezes denotadora de falsa-modéstia), dizer que outro mais hábil devia estar no meu lugar. Isso porque considero uma honra e uma oportunidade, que me apresenta” (p. 214).

FINALIZANDO

Como diz Sartre (2005, p.25 e 59), o homem é um ser de cerimônia e a “nossa vida é apenas uma série de cerimônias e consumimos o nosso tempo em nos sobrecarregar de homenagens”. Assim, o valor dos manuais e tratados consiste em fazer explícitas normas que geralmente estavam implícitas. Essa primeira aproximação, com um manual que instrumentaliza o “falar bem” em público, remete para a necessidade de estudos que analisem outros manuais editados, para a normatização das regras da oratória e da retórica. A análise de um *corpus* de manuais discursivos permite adentrar no imaginário de uma época e decifrar os textos normativos que dão continuidade a uma tradição e reforçam códigos de civilidade (DAUPHIN, 2000, p.153). São textos que permitem analisar os códigos de civilidade, mas com o cuidado de perceber a distância entre o modelo do texto e o comportamento praticado. Também é preciso verificar a circulação desses textos e sua apropriação; isto é, a sua temporalidade, pois as regras sociais e a própria linguagem mudam.

Tratados e manuais permitem usos e leituras plurais. Para Chartier (2004, p. 376), “a primeira constatação que devemos fazer do uso desses tratados é a importância atribuída aos objetos escritos por todos aqueles que pretendem regular as condutas e moldar

os espíritos. Daí o caráter pedagógico, disciplinador, aculturador atribuído a esses textos. Enunciam prescrições e proibições exigidas por uma maneira cristã e civil de estar no mundo”.

Discursos – orais e escritos - são uma significativa fonte de estudo das práticas sociais e, especialmente, das « redes de sociabilidade sustentadas», mediados pelas regras e convenções da sociedade, de um dado momento histórico.

REFERÊNCIAS

ARÉÑILLA, Louis et alii. *Dicionário de Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BASTOS, M.H.C.; CUNHA, M.T.S.; MIGNOT, A.C.V. (Org.) *Destinos das Letras*. História, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed.UPF, 2002.

BASTOS, M.H.C ; COLLA, A. L. A Idealização do professor na representação da docência. Retratando Mestres. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.) *A Aventura autobiográfica – teoria e empiria*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. pp.465-483.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CONSELHEIRO, J.A.S. *Peço a Palavra!* Rio de Janeiro: Livraria Tupã Editora, s/d. 6ª edição.

CRAVERI, Benedetta. *La cultura de la conversación*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In; BASTOS, M.H.C; CUNHA, M.T.S.; MIGNOT, A.C.V. *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002. p.75-88.

CRAVERI, Benedetta. *La Cultura de la conversación*. Buenos Aires/ Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2004.

DAUPHIN, Cécile. *Prête-moi ta plume...* Les manuels epistolares au XIXe siècle. Paris: Ed. Kimé, 2000.

GOMEZ, Antonio Castillo. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha Moderna. In: BASTOS, M.H.C.; CUNHA, M;T.S.; MIGNOT, A.C.V. *Destinos da Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-55.

Peço a palavra: a politesse... - Maria Helena Camara Bastos

GUEREÑA, Jean-Louis. Los manuales de urbanidade. In: BENITO, Agustín Escolano (Dir.) *História Ilustrada del Libro Escolar em Espana*. Del Antiguo Régimen a la Segunda República. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997. p. 467-500.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *A Sagrada Missão Pedagógica*. Bragança Paulista/SP: EdUSF, 2003.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Da Sagrada Missão Pedagógica*. In: LOPES, E.M.T. (Org.) *A Psicanálise escuta a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 35-70.

PINSKI, Jayme (org.). *Cultura e elegância*. São Paulo: Contexto, 2005.

REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: ÁRIES, P; DUBY, G (dir.) *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. v. 3 *Da Renascença ao Século das Luzes*. p.169-209.

RIBEIRO, Célia. Etiqueta em todos os níveis. Zero Hora, Caderno Donna. Porto Alegre, domingo, 29 de junho de 2004. p. 10.

RUBALCABA PÉREZ, Carmem. La inaccesible distinción : la imagen de la escritura epistolar en las clases populares. In : SÁEZ, Carlos; CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Ed.) *La correspondencia en la historia. Modelos y prácticas de la escritura epistolar*. Madrid: Calambur, 2002. p. 393-418.

SARTRE, Jean-Paul. *As Palavras*. Memórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução. In: ROQUETTE, J.I. *Código do Bom-Tom*. São Paulo: Cia das Letras, 1997. p.7-33.

TOFFOLO, Marta. *Frases para todas as ocasiões*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.